

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO BIESTER. — F. GOMES D'AMORIM. — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALLO. — FRANCISCO ROMANO GÓMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. M. DE SOUZA MONTEIRO. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA : — Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. — Trimestre 15000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 23. — SABBADO, 7 DE JUNHO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — ANNO 45000 — Semestre 25100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

SUMMARY.

Jorge, romance contemporaneo (conclusão). — A partida do gado. — A vida. — A caixa do doutor. — Castello de Bragança. — A cantora Piccolimini. — Viagens, ilhas dos Acores (conclusão). — Quadros novos inglezes. — A Academia das Bellas Artes (continuação). — A idade media e a Igreja Catholica. — Festa no Passeio Publico. — Chronica semanal. — Bibliographia.

GRAVURAS. — Castello de Bragança. — O Ramalhete, quadro de mr. Baxter. — Madame Piccolimini. — Sala da casa do poeta Rogers.

JORGE.

ROMANCE CONTEMPORANEO.

IX

(Conclusão.)

Desde esse dia Georgina tornou-se outra. O veu de uma tristeza mal contida e profundamente impressa no coração, envolvia-lhe o rosto, onde as rosas tinham desaparecido, e se um sorriso forcejava por alegrar a sua phisionomia, era fugitivo como o raio de sol transiente que illumina por instantes o ceu n'um dia carregado de inverno. O medico observando-a, declarou que seu estado peiorára consideravelmente, e que os symptomas que se manifestavam de dia para dia, destruíam as lisongeiras esperanças que no principio havia concebido.

Jorge ouvindo esta confissão desesperada, caíu como fulminado. Debalde tentára occultar della as terríveis sensações que o preocupavam. A ingleza fitando os olhos amortecidos no amante, dizia:

— É preciso ter coragem, foi o sonho de algumas horas, nelle experimentámos a felicidade celeste.... que mais posso eu querer? que mais podes tu desejar?.... Depois não podendo conter as lagrimas, prosseguiu:

— Oh! sabia-o.... tinha a certeza que havia de ser assim.... desde o momento que o teu amor se me converteu n'um remorso... a morte devia aproximar-se.... Livre aos olhos do mundo, aos olhos de Deus estava ligada áquelle que tinha morrido por mim. Amando-te com todo o ardor, mas com toda a pureza da minh'alma não tinha que córar deste sentimento... porém agora!... a morte, a saudade infinita de te deixar podem só remir o meu peccado, e fazer com que os olhos da Providencia se volvam compassivos para mim.

Cada uma das palavras que a sua voz fraca e triste proferia, entrava pela alma

do mancebo, dilacerando-a de todas as dores que se podem experimentar na terra.

Passadas algumas semanas, Georgina appareceu um dia mais alegre e animada. Um raio de esperança esclareceu a alma sombria e peserosa do seu amante.

O sol brilhava no firmamento purissimo, os passaros cantavam nos ramos vecejantes das arvores, as flores orvalhadas perfumavam os ares, o mar quebrava ao longe em azuladas e preguiçosas ondas. Ella respirava com avidez o ar lavado e salutar da montanha, e voltando-se para elle:

— Sinto-me bem hoje, este ar, esta natureza dão-me vida. A morte parece que não pode existir debaixo deste céu, e deste sol esplendido, dize, não é assim Jorge, exclamava ella erguendo-se nas pontas dos pés, cingindo-lhe os braços á roda do pescoço, e offerecendo-lhe os labios.

— Não minha vida, não meu amor... nunca te vi tão bem, foi uma indisposição que já passou, assustáste-te medrosa, e assustáste-me tambem a mim... Vês, olha se com essa phisionomia se deve pensar em morrer; e dizendo isto fazia-lhe voltar o rosto para um espelho. Ella sor-

ria com uma expressão de contentamento e esperança que ha muito os seus labios não annunciavam.

— Não seria tão agradável um passeio a cavallo por estes campos?

— Pois vamos já, deve fazer-te bem, o dia está sereno, não bole uma folha. Vou mandar apromptar os cavallos, e partiremos immediatamente; leva a tua manta, na serra está quasi sempre humido, e bem sabes o que o doutor te recommenda.

— Bem, muito bem, disse ella batendo as palmas, e correndo alegre como a creança que vê realisados alguns dos seus desejos infantis.

Jorge com a alma em sobresalto, seguia os seus mais pequenos movimentos, como se quizesse ler ancioso nos olhos della a sorte que o esperava.

Oh! que situações existem na vida, para os que têm um pouco mais de sensibilidade na alma, e de vivesa na imaginação! Que instantes são esses em que a vista segue os mais leves symptomas que se traduzem na phisionomia de um ente querido! Como o coração se dilata a um vislumbre de esperança! como se confrange anciado e triste, quando um musculo da face do ser que adoramos, contraindo-se accusa uma dor violenta!

E vive-se assim, e a vida é isto para alguns!

Sobresaltos, receios, angustias, lagrimas, e a ventura, são apenas um clarão transitorio que os olhos descobrem ao longe, um reflexo de miragem fatal! E não sendo assim a existencia o que é? O que resta para o espirito quando estas sensações acres e dolorosas, quando estes sonhos delectosos e amargos, se desvanecem com a experiencia e com o tempo? O que fica quando estes poderosos agentes se gastam ou paralyzam? Alguns annos de tedio, e de apathia moral. Eis a razão porque este mundo não vale a pena de ser tomado a serio.

Durante todo um dia a mesma expressão de contentamento, e felicidade brilhava no rosto de Georgina.

À tarde, quando o sino da ermida bateu a Ave-Maria, a sua resa foi mais longa que de ordinario.

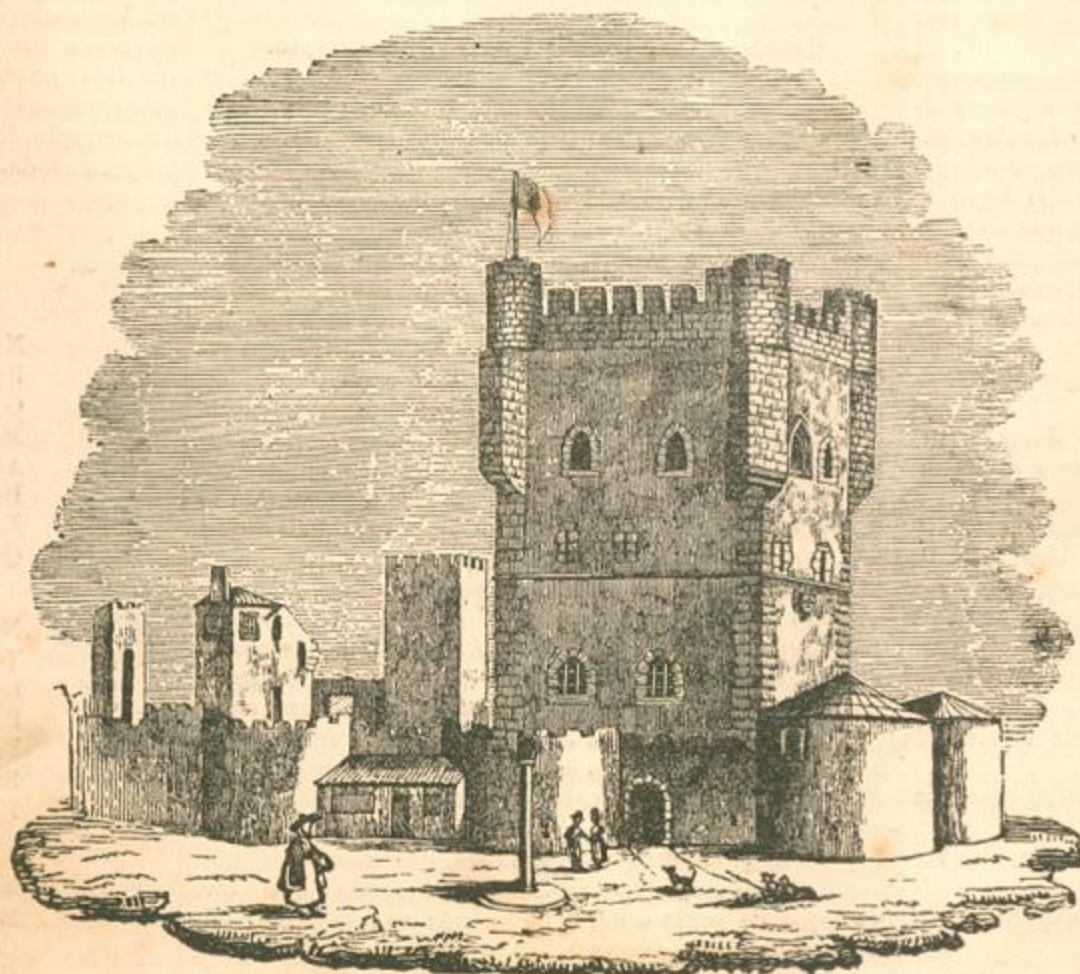
— Pedia a Deus por ti, como sempre, disse ella voltando-se para Jorge que a contemplava extatico, podes ser muito feliz ainda, e essa idéa é tudo para mim...

— Feliz contigo, com o teu amor sim, hei de sel-o, e muito...

— E sem mim.

— Sem ti filha, bem sabes o que pôde haver no mundo para mim, sem ti...

— Ha deveres sagrados, e que eu conto, tenho bastante confiança em ti para saber que has de cumpril-os, seja qual for o preço que te custem. Olha Jorge,



Castello de Bragança.

não vês porque estou tão alegre? não sabes o que me faz estar hoje assim?

— Não querida, diz...

Georgina còrou excessivamente, chegou a balbuciar o que fosse, porém em vez tão sumida que o mancebo não o pôde perceber. Depois como caíndo repentinamente em si, disse:

— Nada, é a esperança de poder restabelecer-me em breve, de te ver feliz, e de vivermos por muito tempo ao pé um do outro.

Chegaram a casa, ella aproximou-se da sua harpa, e começou a tocar. Fortes, irregulares, porém ricas de invenção e originalidade, as harmonias soltaram-se do suave instrumento, cujas cordas os dedos da ingleza feriam nessa noite de um modo particular. Jorge estava ao pé della; de repente os sons pararam, e ella arremeçou-se nos braços do amante, convulsa e tremula.

— Como eu te amo! Sinto que o coração não pode, tem de estalar com a energia dos sentimentos que o teu amor desperta nelle. Este dia... e esta noite... Oh! não voltam mais! Ouviste? nem eu sei o que tocava..... Sei que a minh'alma queria traduzir-se nas harmonias que escutas-te... Não se ama, não se deve amar assim... é um delirio, um crime, bem sei, mas que importa? amo-te muito, muito... continuava ella n'uma tal exaltação nervosa que tocava quasi no desespero.

Os labios ardentes do mancebo uniram-se aos labios della. O beijo foi rápido, porém devorador.

Instantaneamente Georgina ergueu a cabeça, levou o lenço branco aos labios, e caio com todo o peso do seu corpo nos braços do amante.

— Georgina! exclamou este com voz abafada.

A ingleza não respondeu.

Ergueu-se cuidadosamente e foi deital-a sobre o sofá.

O lenço estava cheio de sangue, algumas gotas manchavam o seu vestido branco, e ella pallida e fria, não dava indícios de vida senão no arquejar do peito que lhe batia horrivelmente.

Era a pomba alva de neve, com as penas burrifadas de sangue caíndo ferida para nunca mais se levantar.

Um criado correu immediatamente á cidade com ordem de trazer os medicos que encontrasse.

Jorge não proferia uma palavra. Ao pé della, com os labios crispados, as faces lívidas e alagadas de suor, a vista humida e baça parecia o condemnado do qual se acabava de ler a sentença fatal!

— Perdoa-me Jorge, perdoa; fiz mal em haver-te enganado, — eu sabia tudo, sentia a morte aqui, tinha a certeza de que em breve havia de chegar esta crise, mas quiz que tivesses ainda um dia de felicidade ao meu lado.... Comprehendes agora a minha excitação, a alegria ficticia, a especie de delirio em que me viste hoje?..... Fiz mal talvez em enganar-te.... mas perdoa, perdoa, murmurava ella, beijando o rosto do mancebo que se alagava silenciosamente de lagrimas.

Os medicos chegaram, e a sciencia reconheceu a morte inevitavel no mal que a devorava.

Em poucos dias, em horas talvez, devia quebrar-se o fio tenue que a suspendia sobre a sepultura.

Foi uma explosão subita, uma crise inesperada das que são tão frequentes nas pessoas accommettidas por esta enfermidade fatal.

No dia seguinte Georgina pediu a Jorge que lhe subministrassem os ultimos sacramentos.

O mancebo obedeceu.

Um crucifixo da capella veio para o quarto da enferma, e foi collocado sobre uma especie de altar.

Ella mesma indicava com voz sumida, o modo por que haviam de collocar as luzes, de dispor as flores, suas constantes e queridas companheiras.

Depois o parrocho da aldeia visinha chegou com o Viatico. O som da campainha, as vozes dos pobres aldeões que acompanhavam aquelle prestito funebre, entoando esse canto repassado de tristeza, e unção religiosa, que era como a ultima saudação prestada á que ia abandonar a terra... O aspecto da natureza que o sol esplendido inundava de luz, contrastando singularmente com aquelle quadro de afflicção e da morte, davam á scena tal expressão... um colorido tão profundamente triste que não houve olhos que ficassem enchutos.

A tarde chegou. Georgina pediu-lhe que abrisse de todo a janella.

— Quero despedirme do campo, e das flores, destes sitios onde passei os unicos instantes felizes da minha vida.

Jorge ergueu-se machinalmente, e foi abrir a janella.

Os passaros cantavam alegremente lá fóra, as flores estremeciam com a impressão da aragem que entrava perfumada, e fresca no aposento onde aquella santa devia em breve cerrar os olhos á luz do dia.

Um raio de sol esmorecido batendo nos vidros da janella, veio reflectir no rosto de Georgina, e uma aureola resplandecente cingio por instantes a fronte moribunda d'aquelle anjo.

Vendo-a cuidar-se-ia ter diante dos olhos uma imagem sacrosanta, e celeste.

Jorge caio de joelhos, com as mãos erguidas, e o rosto inundado de lagrimas:

— Oh! perdoa-me anjo de ceu, fui eu que te perdi, nem deves perdoar-me.

E o infeliz no accesso da dor que lhe rasgava o coração, rojava-se supplicante para junto della.

Por piedade Jorge tem compaixão de mim nesta hora extrema... perdoar-te?... de que me pedes tu perdão!? O amor innocente com que me adoraste?... levanta-te, da-me a tua mão...

A commoção fóra violenta, a infeliz deixou cair a cabeça no hombro d'elle, e pouco a pouco depois continuou com voz que mal se percebia de timida, e de fraca.

— Jorge da-me aquelle crucifixo... Bem, agora da-me a tua mão... esta, aqui, sobre o meu peito assim:

Agora jura por esta imagem sagrada que não has de já mais attentar contra a tua existencia, e que has de cumprir os deveres que te impoz tua mãe...

Juro por Deus, e por ti.

Um sorriso quiz alegrar os labios frios, e descorados da ingleza... um como clarão de contentamento e felicidade, pareceu illuminar-lhe o semblante, e as lagrimas principiaram a burbulhar de seus olhos amortecidos.

Nos arbustos que vestiam as janellas veio pousar um passarinho soltando algumas volatas meigas, e plangentes.

A ingleza dirigiu a vista para o logar onde a avesinha desprenhia a voz sonora, e fitando-a depois orvalhada de lagrimas nos olhos do mancebo disse:

Ámanhã ao romper do sol acorda outra vez para a vida alegre, e descuidada, e eu... a infeliz não pode continuar; nesse instante o coração volvia-se saudoso para o mundo, sem animo de lhe dizer o ultimo adeus.

— Olha, espera, quero que tu guardes o meu cabelo, e levou as mãos emagrecidas ás tranças finas e abundantes, unidas por um derradeiro esforço indicando ao mancebo o logar por onde haviam de ser cortadas.

A tarde tinha espirado, e as sombras ligeiras do crepusculo iam pouco a pouco carregando nas escuras sombras da noite.

As vellas que ardião ao pé do crucifixo eram agora a unica luz que esclarecia o aposento. Jorge soltou um suspiro profundo e longo; depois a respiração mais curta de instante a instante; algumas palavras sem ligação, mal articuladas por vezes o nome delle; as mãos agitando-se em movimentos desvaireados, um tremor rapido e violento de quando em quando.... Um gemido semelhante ao som que morre cortado, e sem vibrações! duas lagrimas saindo vagarosas das palpebras onde as retinas paralisadas tinham perdido de todo a luz, e nada mais.

EPILOGO.

Jorge viveu. Voltou para Portugal onde encontrou Julia, e Carlota a qual morreu poucos mezes depois d'um typho.

Passados dois annos fez-se homem publico, e alcançou um logar em S. Bento.

Da opposição no principio, resolveu-se a abraçar as maiorias, por occasião do grande reviramento social em que os *catões* feridos por uma luz subita desviaram com honra os olhos do passado, e envergando a casaca aristocratica foram fazer medidas no Paço. Engordou, e creio que está hoje visconde, se o não promoveram a conde, ou a marquez na ultima fornada.

Mauricio continuou a rir-se deste mundo, com a sua phlegma inalteravel, unindo-se passado tempo pelos laços suaves do hymeneu a uma senhora da provincia de consideravel fortuna, e respeitavel idade.

BULHÃO PATO.

A PARTIDA DO GADO.

QUADRO DO SR. THOMAZ JOSÉ DA ANNUNCIÇÃO.

Tem-se tratado já n'este jornal do estado da nossa Academia das Bellas Artes; bem como das reformas, e melhorias de que ella carece. Abster-nos-hemos pois das considerações, que naturalmente occorrem a todos ao ver-se o estado de desamparo em que se acha, e limitar-nos-hemos por agora a noticiar o ultimo quadro do sr. Thomaz José da Annunção, distincto professor da mesma Academia e que elle denominou, A PARTIDA DO GADO.

Bem conhecidos são de quasi todos os trabalhos d'este admiravel artista, apostolo d'essa nova seita de trabalhadores incançaveis, que apezar de tantos transtornos e contratemplos, que empecem o caminho das artes, vão lutando porfiadamente e procurando collocar a pintura entre nós no mesmo pé, e posição, em que a conservam as nações estrangeiras. Todos têm admirado por mais d'uma vez, aquelles animaes, tão reaes *tão vivos*, que parecem saltando dos quadros ir retouçar pelos campos, que o pintor lhes desenrolou deante matisados de flores e fructos: todos têm sympathisado com aquelles aldeões tão nossos conhecidos, tão verdadeiros que parecem dar-nos parte das suas conversas e admitir-nos ás suas convivências.

Nada nos resta pois a dizer em geral a respeito das suas composições. Ellas ahí andam, nas mãos de todos, devidamente apreciadas. D'esta ultima porém fallaremos um pouco mais, porque recentemente concluída, talvez não tenha tido ainda a publicidade, que merecia.

Estamos no campo ao romper da manhã: O sol que já apparece sobre o horisonte manda os seus raios obliquos reflectirem-se nas folhas das arvores prestando-lhe um reflexo de ouro, que só um pincel bem fadado como o do sr. Annunção pode tradusir. A manada, que tem

saiído do curral parte para o pasto. D'um lado á direita veem-se os restos do rebanho e os mais calaceiros, demonstrando o passo, como sumirem-se no horisonte: á esquerda perdem-se pela campina, cujo fim se não alcança com a vista, os guias do rebanho que um conductor a cavallo dirige pelo trilho preferido; por ultimo á frente sobresa-hindo ao fundo do arvoredor, e avultando sobre o ceu allumiado pelas suaves cambiantes da alvorada, estão algumas rezes do rebanho, que vão passando, e de que o sr. Annunção fez o assumpto principal do seu quadro.

Tres são ellas bem differentes no aspecto e na expressão. Mal se olha para o quadro dá logo na vista um bezerro inquieto e espantadiço, que ao lado da mãe caminha aos pulos e aos corcovos, detendo-se ao primeiro objecto desconhecido, parando e assustando-se com a primeira figura menos usual.

Dirieis uma creança correndo apoz um insecto multicolor, e que de repente, ao voltar das ruas do jardim, depara com um vulto, que não esperava e vem correndo refugiar-se no collo da mãe. Dirieis um litterato de recente data ouriçando-se-lhe os raros pellos do bigode microscopico com a vista d'uma figura de rethorica, ou de algum primor d'estylo, que não conhece, e indo logo a correr pedir explicações ao mestre, que a pouco o libertou do *sum es fut*.

O novillo, como elle, tambem de tudo se assusta: veem-se-lhe os pellos da cauda arripiados, os olhos fitando-se tremulos, as orelhas arrebitando-se-lhe, e um tremor percorrendo-lhe o corpo todo, obrigar-lhe os ilhaes a baterem mais apressadamente. Elle só de per si constituiria um quadro d'alta valia; a mãe que por detraz d'elle apparece e cujo corpo se divisa em parte, serviria de contraste, e um entendedor qualquer, por muito exigente que fosse, nada mais teria a desejar.

Mas, ao pé d'estas duas figuras, um pouco mais para deante e para a esquerda está ainda uma outra, que reclama a nossa attenção. É um carneiro velho e gasto na vida, que se não assusta, como o seu amigo novillo com poucas cousas, mas que prosegue pausadamente de cabeça baixa, esmeuçando o caminho, e pensando, talvez, sobre a vaidade das cousas mundanas.

Parece um philosopho que vai elaborando uma memoria de existencia problematica. A experiencia e os annos asseguraram-lhe os passos, e amadureceram-lhe as verduras da mocidade, não se prende a bagatellas e prosegue sempre com serenidade escolhendo a melhor herba, que de quando em quando não deixa passar pela malha. É o positivismo da actualidade ao pé das poesias tresloucadas de melhores eras.

Estas tres figuras a vacca, o beserro e o carneiro, são d'um desenho correctissimo e de muita felicidade o aggrupamento. São dignas de figurar na mimosa galeria do seu author, no que, para os que lhe conhecem os quadros, temos ditto tudo. O ceu é admiravel e aquellas differentes camadas de luz, que se succedem quasi sem transição d'umas para outras no amanhecer estão tradusidas a não poder ser melhor.

As arvores do fundo, á direita e ao centro que costeiam a estrada por onde o gado tem vindo a desembocar na planicie, parecem desprender os ramos, do panno a que estão presas e agitarem-se á feição do vento; e a planicie offerece um aspecto tão agradável, que inspira vontade de acompanhar o rebanho, não a pastar; ainda, que esta supposição não seria mal cabida a respeito de certos entendedores, mas a folgar por aquellas relvas e a deliciar-mos com aquellas vistas.

A *partida do gado* é mais uma joia para a corôa do sr. Annunção já de si tão farta. Trabalhos como estes eternisam um pintor, e ainda que hoje as suas obras já são tidas na devida conta, um dia chegará, em que um outro tribunal a que tendem todos os homens de talento e inspiração, lhe ha de lavar uma sentença muito mais li-sonjeira ainda.

R. PAGANINO.

A VIDA.

Nunca vistes uma rosa
Primeiro abrindo mimosa
O seu botão purpurino,
Mostrando depois vaidosa
Aos vivos raios do sol
Do rocio matutino
Essas gotas tão brilhantes
Que semelham diamantes?

Não vistes depois a rosa
Toda garrida e louçã,
De Abril em fresca manhã
Pompeando lindas cores,
Pelo zephyro embalada,
Sobre a lympha debruçada,
Formosa fallando amores?

Não vistes depois á tarde
E quando o sol já não arde,
Como a flor está tão triste
Co'a bella fronte pendente
E como a tepida aragem

Que sussurra na folhagem
A vem beijar docemente?

E depois, no outro dia,
Essa flor que se sorria
Cheia de graça e de vida,
Não a vistes vós pendida
C'o viva cor já perdida,
E que a brisa caprichosa
Dessa tão palida rosa
Uma a uma as folhas todas
As arrancava sorrindo,
E no regato sonoro
Assim as ia lançando,
E que essas folhas boiando,
Com a corrente fugindo,
Lá ao longe se perdiam?...

Olhae, assim é a vida!
Na infancia somos felizes,
Temos da rosa os matizes
Quando se abre em botão;
E as puras gotas de orvalho
Que a rosa no seio tem,
Não sabeis vós que ellas são
Os prantos de nossa mãe
Que caem silenciosos,
Eloquentes, amorosos,
Quando no berço deitados,
Com nossos olhos cerrados,
Ella nos vem contemplar
Como um anjo que o bom Deus
Enviasse lá dos ceus
Para o nosso somno velar?...

A nossa infancia querida
— A primavera da vida,
Quando alegres e contentes,
Descuidosos, innocentes,
Nós saltamos as correntes,
Nós trepamos as colinas,
Nós corremos pelo prado
Colhendo as frescas boninas
Que vegetam no vallado,
Comparaes-vós á rosa
Corada e bella a florir
Quando as auras vespertinas
D'affagos a vem cobrir.

Esse sol que anima a flor
De tarde no valle ameno
Por entre os choupos annosos,
É esse brilho sereno
Cheio de mago fulgor
Dos olhos negros formosos
Da virgem de nossos sonhos,
Quando seus labios risonhos
Nos dizem fallas d'amor,

E as folhas que a rosa deixa
Do seu seio desprendidas,
São as nossas illusões
Que pouco a pouco perdidas,
Vão uma a uma caíndo
E na corrente dos annos
Coitadas, vão-se sumindo!

Assim como a linda rosa
Murcha e cae no seu rosal
Não resistindo—mimosa
Ao sopro do vendaval,
A vida tambem se extingue
Quande estala o coração
Pela perda d'uns amores...
— A derradeira illusão!...

CASIMIRO ABREU.

A CAIXA DO DOUTOR.

(CONTINUAÇÃO DE UM CONTO DE HOFFMANN.)

Os meus leitores devem estar lembrados da promessa, que ultimamente lhes fiz a respeito de uma certa caixa, do doutor, e que este não deixava nunca. Está chegada a occasião, de cumprir o que prometti, e vou desempenhar a minha palavra.

Effectivamente alguns dias depois d'aquella noite, em que o doutor me contou a profecia, tão desgraçadamente realisada, dirigi-me a sua casa com o intuito de o ouvir, por que suppunha já antecipadamente, que não seria tempo perdido.

Recebeu-me sorrindo-se, e apenas me avistou perguntou-me com um modo em que se notava uma certa ironia, se a esperança de lhe ouvir a historia me levava a sua casa?

— Certamente, lhe respondi, bem sabe que o prometido é devido:

— Não serei eu, quem desminta o annexim. Entre para o meu quarto, que em breve estou ás suas ordens.

A casa para onde entrei por convite d'elle apresentava um aspecto singular. Alem da cadeira, em que se sentava,

e de uma outra destinada aos visitantes provavelmente, e onde me installei, não havia um movel sequer, que não estivesse atulhado de livros, instrumentos ou animaes empalhados. O chão mesmo estava invadido: e não era de todo facil caminhar por elle, accidentado como estava, por milhares de objectos de formas mais ou menos extraordinarias, e de uzos não menos extravagantes.

Encontrava-se ali de tudo. Todas as sciencias ali estavam representadas já nos livros, que avultavam n'uma immensa estante, já em diversos objectos do seu fóro exclusivo. O botânico podia examinar varios molhos de herbas resequidas, e alguns herbarios de alto preço; o zoologista muitos animaes em pelle, bem como muitos esqueletos perfeitamente articulados e de muita verdade; o mineralogista exemplares preciosos de pedras e metaes do paiz e estrangeiros; o chymico retortas e cadinhos, frascos de diversas dimensões, e drogas de differentes qualidades; o physico pilhas, thermometros, barometros, e não poucos instrumentos de igual natureza; o observador finalmente poderia á vista d'aquellas multidões anarchicas de tantos seres e materiaes depositos uns proximos dos outros, mutilados a maior parte, confundidos quasi todos, fazer uma idéa aproximada do Pandemonium de Milton, ou d'alguma d'aquellas reuniões pantagruelicas de Rabelais.

Analysava ainda cada um d'aquelles objectos e procurava pela sua inspecção concluir sobre os estudos e tendencias do doutor, quando a porta se abriu, e este mesmo em pessoa entrou no quarto. Apesar do seu eterno sorriso, que não poucas vezes terminava por uma d'aquellas gargalhadas estridentes, que já conhecemos, o doutor trazia a testa um pouco enrugada, e por algumas ligeiras nuvens, que de quando em quando lhe passavam pelo rosto se conhecia que trouxera á memoria successos de triste recordação. Ainda assim sentou-se muito senhor de si e disse-me com a maior placidez:

— O meu amigo espera certamente uma historia tetrica, recheada de horrores, demonios e bruxas: suppoem, que á minha caixa estão ligadas tradições d'almas penadas, de trasgos e de outras pieguices de igual theor, não é assim?— Pois nada d'isso hade encontrar; a historia basea-se unicamente n'uma coincidência *um pouco singular* da minha vida, e que o acaso originou. Desengano-o a tempo, e se não se quer aborrecer não prosigo.

— Pelo contrario, doutor, respondi-lhe eu, que já sabia o seu modo de pensar em semelhantes assumptos, conte sempre, á falta de melhor contento-me com a simples coincidência.

— Ah! vai como deseja. Mas como este successo, por muito simples, que é em si, está ainda assim ligado com a minha vida, peço-lhe licença para lh'a contar resumidamente.

Inclinei-me em signal de acquiescência, e o doutor começou a sua historia.

Nasci no Minho, de uma familia mais rica d'ascendentes do que de cabadaes. Meu pae, morgado de antiga linhagem, conservava, como recordação de tempos mais felizes, um pardieiro esburacado e cheio de musgo, onde avultava um brazão colossal; uma duzia de pergaminhos que tinha em alta conta, e um mingado rendimento, resquícios da sua fortuna, outr'ora consideravel, mas que as dissensões politicas, e sobretudo os desvarios de meus antecessores tinham reduzido a proporções bem escasas.

Pouco era para sustentar o lustre de uma descendencia cujos antepassados, coevos da monarchia, tinham adquirido já nesse tempo, um nome notavel, e uma alta posição no reino. Meu pae amofinava-se excessivamente com a sua decadencia, e ao lembrar-se, de que seu filho unico tinha de trabalhar um dia por suas mãos para ganhar a vida, maldizia as instituições, que já não permittiam aos fidalgos disfructar uma existencia tranquilla á custa do trabalho dos seus vassallos e servos. Porém as suas queixas de nada serviam; eu chegava aos desoitos annos, e precisava decidir-me por uma carreira qualquer, visto que a minha profissão de fidalgo me não garantia meios de subsistencia.

Para meu pae todas as carreiras pareciam indignas do meu nascimento; o trabalho e o estudo eram incompativeis com a minha posição. Minha mãe, pela sua parte, que sempre me quizera como á luz de seus olhos, tambem se oppunha de certo modo, porque receiava vêr-se obrigada a afastar-me de si. Foi-me preciso lutar com a sua ternura e com as idéas aristocraticas de meu pae, e resolver-me a escolher um modo de vida qualquer, visto que parecendo-lhes todas as profissões igualmente más, elles deixavam a selecção a meu arbitrio.

Costumado aos panoramas gentis daquella provincia bem fadada; costumado a admirar a natureza com todo o seu esplendor, o estudo das sciencias naturaes era o que me agradava principalmente. Preferi pois a medicina como a que mais se prendia com estas sciencias da minha predilecção. Um tio meu, residente em Lisboa, e que conseguira alcançar uma excellente reputação de medico, auxiliou as minhas tendencias, escrevendo a meu pae neste sentido, e offerecendo-se para meu preceptor durante o tyrocínio escolástico.

Removeram-se pois todas as objecções e a minha partida para Lisboa foi definitivamente assentada. Ah! devia de seguir o curso da escola medico-cirurgica então recentemente reformada e que offerecia já maior numero de garantias a seus olhos. E um bello dia feitas as despedidas entre choros, provido das recommendações de meu

pai, e dos conselhos de minha mãe, puz-me a caminho para a capital.

Na provincia faz-se uma idéa de Lisboa muito affastada da verdade. Esta cidade é considerada como o foco de todos os vicios a séde de todas as preversões e indignidades. Não se lhe entram as portas sem se perder todo o vislumbre de honra, ou qualquer resto de probidade. Já se vê pois, quantas promessas foram necessarias para socegar minha mãe sobre a minha sorte futura, e quantas juras e compromettimentos de seguir á risca as pisadas de meu tio, que era reputado um modelo de juizo e prudencia. Se tivesse de ir correr as sete partidas do mundo, como se diz na minha terra, não deixaria minha mãe tão sobresaltada, nem com tantos cuidados por meu respeito.

Estava para partir enfim, e já tinha recebido conjunctamente com a benção de meu pai, alguns dobrões da sua pequena reserva, quando minha mãe me chamou de parte para me fazer uma ultima recommendação e dar-me os seus ultimos presentes.

— Meu filho, me disse, bem sabes quanto me custa deixar-te, e quanto receio, que te percas nessa cidade que mal conheces. Vou ficar em sustos continuados por tua causa; mas está na tua mão, minorar-me as inquietações e socegar me um pouco mais.

Prometti-lhe cumprir o que me determinasse e proseguiu pelo modo seguinte.

— Ouve-me pois: Ha duas reliquias, que são tradicionaes na nossa familia, e que lhe tem servido de salvaguarda: vou entregar-t'as, mas has de prometter-me pelo que te é mais caro de lhe dares o destino que te indicar. Se o fizeres, não terei muito cuidado pela tua sorte.

— Prometto, lhe respondi então, com um tom solemne, pode-m'as dar.

— Eil-as, meu filho. Esta é uma devota imagem de Nosso Senhor, que tua avó trouxe de uma romaria ao bom Jesus de Braga quando foi cumprir uma promessa, que fizera por causa de uma molestia perigosissima de teu pai em creança. Conserva-a a tua cabeceira, que afastará os maus pensamentos dos teus sonhos, e purificará as más intencões, que tiveres: não te esqueças de lhe resar todos os dias, nem de lhe recorrer nas tuas maiores afflicções. Nunca nos desamparou, nem se negou aos nossos pedidos se eram feitos com fé viva. Esta, e minha mãe balbuciou ao proferir as seguintes palavras, é uma tradição de familia; a sua historia não t'a conto, por que ainda estás muito creança, e rir-te-ias della, mas não importa, ainda assim traze-a sempre contigo, por minha intencão, e mais tarde, quando souberes porque t'o recommendo, não te has de arrepender de me ter feito a vontade.

E deu-me juntamente com a medalha, esta caixa que me causou bastante estranheza pela singularidade dos ornatos. Procurei saber, que misterios se lhe prendiam, porém minha mãe recusou-se a explicar-mos, obrigou-me novamente a repetir as minhas promessas; juntou uma dusia, se tanto, de peças aos dobrões, que meu pai me dera, e despediu-se de mim, reiterando as suas recommendações e dizendo-me de longe mesmo, repetidos adeus.

Continua.

R. PAGANINO.

CASTELLO DE BRAGANÇA.

Seria Bragança uma das mais antigas povoações do reino, se como pertendem alguns antiquarios devesse a sua fundação a um Brigo 4.º que elles collocam como rei das Hespanhas na remotissima era de 1906 annos antes da vinda de Christo, tomando por isso o nome de Brigantia que com pouca corrupção do vocabulo se converteu no actual, teria sido reedificada por Augusto Cezar que em honra de seu tio lhe chamara Julia, passando no dominio romano a ter a denominação de Juliobriga.

Quaes fossem, porém, seus primeiros povoadores, não pode constar authenticamente por falta de monumentos ou memorias escriptas que o testifiquem, e o mesmo acontece a outras muitas terras nobres e antigas, sendo exacto o que diz o Padre Castro, na 2.ª parte cap. 1.º do *Mapa de Port.*, por estes termos.

«O certo é que dos tempos immediatos á primitiva fundação de Portugal até que as armas carthaginesas e romanas abriram o caminho á communicação das gentes occidentaes da Europa, não pode a historia dar um passo senão ás escuras e com a vehemente suspeita de claudicar na verdade, porque alguns escriptores, fundados em documentos, ou apocriphos ou de pouca authenticidade e exame, constituiram em Hespanha e Portugal com demasiada e incauta crença o governo de alguns reis duvidosos, como foi Ibero, Jubalda, Briga, Beto e outros, de que na historia verdadeira não ha menção.»

D. Sancho 1.º repovoou Bragança pelos annos 1187 e lhe deu foral com grandes privilegios, porém, já em tempo dos godos e dos reis de Leão tivera senhores principaes e titulares que a governaram. Desde o reinado de D. Sancho 1.º pertenceu sempre á corôa até que elrei D. Fernando a deu com a villa do Outeiro a João Affonso Pimentel em dote de D. Joanna Telles, irmã bastarda de D. Leonor Telles; porém, abraçando Pimentel a parcialidade castelhana perdeu este senhorio, em compensação do qual lhe deu D. Henrique 3.º em castella, para onde se havia passado, a villa de Benavente erigindo-a em condado.

O dominio de Bragança foi dado a D. Fernando, filho illegitimo do infante D. João, neto d'elrei D. Pedro; porem morrendo sem successão seu filho D. Duarte, o rege do reino na menoridade de D. Affonso 5.º e tio deste o infante D. Pedro, a deu a seu meio irmão, D. Affonso, conde de Barcellos com o titulo de ducado, o qual foi o primeiro duque de Bragança, e casou a 8 de novembro de 1401 com D. Brites Pereira, condessa de Barcellos, filha e unica herdeira do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, consorcio glorioso de que descende a serenissima casa de Bragança ora reinante.

Está situada Bragança n'uma espaçosa e amena campina, fertilizada pelas aguas do rio Fervença, a 38 leguas de Braga, 85 de Lisboa, e legua e meia da raia de Galiza. Ainda ahí se faz muito commercio; porem ja foi terra de maior trafico, e as suas sedas eram muito estimadas.

O povo se divide em cidade e villa, e nesta fica o castello, com as muralhas arruinadas, que nem é susceptivel de defeza nem offerece cousa notavel, mais que a sua antiguidade. Os moradores repartem-se em duas freguezias, a de S. João Baptista, erecta em sé episcopal, que conta 459 fogos, e de Santa Maria com 572, total 1:041 fogos; no meio do seculo passado, segundo a *descrição Corographica*, de Oliveira Freire, impressa em 1755, Bragança tinha nas duas parochias 869 fogos com 2:753 almas.

M.

A CANTORA PICCOLOMINI NA OPERA TRAVIATA.

Os Piccolomini constituiram uma familia nobre e celebre de Sena, e na epocha do seu esplendor disputaram o poder supremo na governança da sua patria, e porfim, para melhor conseguirem os seus intentos inscreveram-se na classe popular da republica senense, acto que praticaram pelos annos de 1438; em 1538 succederam a os Petrucci como chefes da mesma republica; porém, a influencia da Hespanha fez cessar o seu dominio em 1541. D'esta familia sahiram personagens notaveis, sendo os principaes os pontifices Pio II e Pio III, e o distincto general das tropas imperiaes Octavio Piccolomini. A ella tambem pertence a excellente cantora que dá brado em toda a Italia, tendo começado a ganhar reputação no theatro de Sena, sua patria.

Maria Piccolomini, dotada de consideravel riqueza pelas heranças de sua casa, favorecida da natureza com os attractivos proprios do seu sexo e com talento pouco vulgar, não poude resistir aos impulsos do genio que a chamava a colher na scena as corôas dramaticas. As considerações da sua posição social, as allianças vantajosas que se lhe proposeram, a opposição de seus parentes, nada poude afasta-la da natural inclinação; a despeito de todas as resistencias, superados todos os obstaculos, pisou o palco scenico, enthusiasinou-se, solemnizaram os seus triumphos ovações grandiosas, e é hoje qualificada como cantora de primeira ordem, ajuntando a este raro dote um incomparavel talento mimico, que faz realçar todas as outras brilhantes qualidades que commovem o espectador e lhe arrancam applausos.

M.

VIAGENS.

ILHAS DOS AÇORES.

(Conclusão).

A gente do campo habita ou em quintas, ou em casas isoladas, occupadas por algumas familias, ou em aldeas. A principal fica no centro da ilha, n'uma mui bel-

la planicie, com o nome de Flamengos. O acceo de suas casas desperta a memoria dos colonos que a fundaram. Seus habitantes não tem em geral feições inteiramente portuguezas: conservam ainda em parte os usos e costumes de seus antepassados, que parece tiveram outr'ora grande influencia no paiz. Na ilha, no tocante a lavoura, colheita, processos della, e de transportes para a villa, existe o mesmo uso. Para lavar a terra, moer o grão e transportal-o, empregam por toda a parte tanto vaccas como bois, sem que, se se pode dar credito aos camponezes, resulte disso prejuizo algum. A debulha do trigo faz-se no meio do campo em ciras cobertas de lages: os viveres mui pezados, para se levarem a grande distancia, carregam-se ou em bestas, ou em carros, puchados por bois ou vaccas, que ás vezes são obrigados a descer montes escarpados: têm rodas prezas a um eixo de madeira, que não é untado, e que roda n'um encaixe debaixo do

porta, conservarem-se no mesmo quarto que os amos, e fazerem parte da companhia (*Improviso*). A bondade dos amos (que a despeito da censura d' estrangeiros, conservam ainda resto da antiga simplicidade de costumes) respondem com fidelidade e rectidão. Em poucas casas o numero delles excede as necessidades reaes, e se n'algumas o augmentam não é por vaidade, mas por commiserção.

As mulheres de baixa condição, do campo, são de maneiras desembaraçadas, sem contudo offenderem nem a decencia, nem os costumes: algumas da villa juntam a costumes desregrados, e a revoltante arrogancia, mal rebucada em ridicula e apparente vaidade, uma grande pobreza. As senhoras de certa classe guardam a reserva, que o zelo dos maridos, lhe impuzera outr'ora, e a que hoje a opinião publica as obriga. Quando solteiras são vigiadas com muita severidade pelas pessoas encarregadas de sua educação: depois de casadas, são-o umas pelas outras, e por seus maridos. Não ousam sair senão em companhia d'outras, ou de homem parente proximo; quando sós não recebem visitas de nenhum homem, á excepção do seu confessor, porque não se pode suppor, que este induza em mal uma penitente. Separadas de prazeres seductores, que para ellas não são habitos, empregam a maior parte do tempo em adquirir conhecimentos e talentos, e em empregal-os: como mães de familia consagram-se todas ao cuidado da casa, e educação dos filhos. A vida retirada as priva desta amabilidade, que o nosso seculo olha como primeira virtude das mulheres: mas a pureza dos costumes e a felicidade domestica, assim se favorece e fortifica mais.

Nos dias festivos das amigas as senhoras, acompanhadas dos parentes mais chegados, se reúnem em casa da que é objecto da festa, e passam a noute sem cartas e quasi sem conversa, unicamente divertidas pela musica ou pela dança; novas arias italianas ou brazileiras, escolhidas com gosto puro, são cantadas com precisão ao forte-piano, guitarra, ou rebecca, e acompanhadas por vozes a que o clima e o exercicio dão flexibilidade, e o coração presta expressão. Dançam poucos minuets e contradanças, e o que fazem n'este sentido não é senão por espirito de imitação: tem pela contrario, verdadeira paixão pelas danças inglezas, portuguezas, e brazileiras, que agradam pelo modo da execução. Em meio das danças servem chá, e as melhores frutas, assim como doces do paiz, e do Brazil. Perto da meia noute cada um se retira a casa, para tomar com a familia collação frugal.

Quando uma mulher tem o seu bom successo, as conhecidas, que lhe querem testemunhar attentões, se lhe reúnem á noute em casa. Sentam-se em roda da cama, e guardam por cinco ou seis horas, silencio quasi nunca



O ramallete. Quadro de mr. Baxter.

leito. Esta caranguejola absurda produz a bulha mais desagradavel do mundo, e é realmente para desesperar quando vão muitos destes carros em linha.

Todas as terras do Fayal são cultivadas por mãos livres: vêem-se os camponezes sempre occupados. Em algumas casas ricas ha (*houee*) escravos negros, mas unicamente empregados no serviço domestico, e tratados com muita doçura. O unico ponto em que o prejuizo aperta contra a sua côr preta, é a obrigação que têm, como nas Indias occidentaes, de andarem sempre descalços, ainda que muitas vezes andem vestidos com elegancia. A natureza das colheitas não dá aos insulanos ricos occasião de fazerem uso da injusta autoridade, que as leis lhes dão sobre os infelizes negros.

Os creados gozam de liberdade que fará admirar muito o estrangeiro, que não conhece os costumes portuguezes: é-lhes permittido, mesmo nas primeiras casas, exceptuando nos dias de cerimonia em que devem ficar á

interrompido. Passam da mesma forma seis a oito serões; e unicamente mudam cada dia d'enfeites, esforçando-se por serem no dia seguinte mais brilhantes, que na vespera, o que d'alguma forma diminue a impressão d'aborecimento, occasionada pela uniformidade d'estas visitas. Os homens passam o serão no quarto do marido da doente: só os mais intimos amigos são admittidos á presença da senhora (*Puro romance!*). No sexto ou oitavo dia baptisam a creança, e o serão é consagrado á alegria: mulheres e homens todos se reúnem e despem a gravidade precedente. Os olhos brilham com fogo ardente; as vozes tomam accento enternecido! Ora com o piano, ora com a guitarra, encantam os estrangeiros, e lhes tornam para sempre cara a lembrança do Fayal. Mui raramente vão senhoras aos grandes jantares; não tem ahí occasião de brilhar por seus talentos, e detestam a liberdade, que os homens gostam ter quando se entregam aos prazeres da meza. De verão saem algumas vezes de casa, quando ha

luar, para gosarem dos encantos do campo, e da natureza bella; gozam este prazer em companhia numerosa: vinte a trinta pessoas dos dous sexos se reúnem para isso, e para se preservarem mutuamente de perigos, a que a noite, e luz pallida da lua, as pudera expor.

Quando de dia querem passear no campo vão em cadeirinhas, o que é na villa pouco mais ou menos o unico modo de não andar a pé; ou então mettem-se em grandes carros, garantidos do sol por pannos e puchados por bois: esta especie de viatura é mui procurada, porque muitas pessoas da mesma sociedade se podem servir d'ella juntamente. No carnaval as senhoras regam alguma vez com essencias do alto de suas varandas de grades os homens do seu conhecimento, que merecem tal favor. Nos ultimos dias faz-se esta graça mesmo á vista dos parentes em casa, com grandes borrachas, e agua; os jovens tem direito a defender-se com as mesmas armas: algumas vezes mascarados, representam pequenas comedias, e scenas alegres para divertir as damas.

Os trabalhos commerciaes, e o cuidado que é preciso ter nas vinhas, e preparação do vinho, não tomam de tal forma o tempo aos homens, que lhes não sobre ainda algum para os prazeres da leitura, da conversação, da caça, e das partidas de campo: outros fazem visitas desde pela manhã, jogam ás damas e ao cassino, abrem a bocca, olham do alto das varandas os que passam e já tem visto mais de mil vezes. Perto do meio dia tudo torna para casa, pois é mui raro, que um fayalense convide a jantar familiarmente o seu amigo. A tarde passa-se do mesmo modo, que a manhã: em terra caçam torcos e coelhos nas moitas e montanhas; quando faz bom tempo vão em bateis ás cavernas do litoral caçar pombos e aves aquaticas. As partidas de campo fazem-se a pé, e em companhia numerosa: param ou n'uma casa particular, ou n'um alvergue, ou n'uma choça, para onde os creados levam o jantar, de que cada um paga sua parte. Quando um particular dá jantar d'apparato, o que deve ser sempre em sua casa, cobre a meza com profusão de iguarias exquistas: no *dessert* ha frutas de todas as sasões, e bebe-se o melhor vinho da ilha, da Europa, e d'Africa.



Madame Piccolomini na opera Traviatta.

Na ilha não ha (ha já) hospedaria para pessoas de qualidade: já tentaram estabelecer um bilhar, mas ninguém lá ia. Os estranhos podem alugar em casas particulares maus quartos, mas a hospitalidade dos agentes commerciaes lhes abre as principaes casas da villa.

Os estrangeiros estabelecidos no Fayal gosam do di-

reito de comprar e possuir terras na ilha, e nas demais dos Açores, e para si e suas propriedades tem as mesmas garantias que os naturaes. Entretanto poucos estrangeiros ha fixos n'esta ilha. Vi ali alguns inglezes, um sueco, e um unico francez, que suspirava ardentemente pela patria.

Como vi o Fayal e Pico assim o descrevi. Conheço as outras ilhas, principalmente pelas relações que d'ellas me fizeram, e d'ellas aproveitei o que me pareceu mais digno de credito. Aqui pois termino esta *descripção das ilhas dos Açores*.

J. DE TORRES.

QUADROS NOVOS INGLEZES.

O instituto nacional de Bellas-Artes, e a Sociedade dos artistas britannicos em Londres, rua Suffolk, tem feito ultimamente exposições de pinturas, em que sobresaem quadros de muito merecimento assim no genero historico como em o de scenas do paiz e costumes. Os jornaes da capital da Grã-Bretanha que sahem illustrados com gravuras, especialmente o *London News* reproduzem as principaes telas, e apenas lhes ajuntam breves palavras sobre a maneira e estilo dos artistas, que ali são conhecidos do publico, sendo ignoradas de nós suas biographias e carreira artistica. Comtudo, olhando para os transumptos dessas pinturas, que temos copiado e que levam a respectiva indicação facilmente se conhece a composição do quadro e o espirito inventivo do auctor. O «ramalhete» é uma composição simples, cujo merito, consiste na expressão da figura em meio corpo, que não é retrato, mas ideal, obra de mr. Baxter.

Ha outra estampa que representa a casa de almoço da residencia, situada na praça de S. James, do decano dos poetas inglezes modernos, Samuel Rogers, que falleceu nonagenario aos 18 dezembro de 1855. Este aposento ou sala é um testemunho da decida paixão de seu dono pelas artes, sendo toda revestida e adornada com exemplares das melhores escolas italianas de pintura, sem faltarem outros escolhidos das escholas flamenga, hespanhola, hollandeza, franceza e britannica. M.



Sala da casa do poeta Rogers.

A ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DE LISBOA
E A NECESSIDADE DE UMA REFORMA.

V

(Continuação.)

Pelo systema que os estudos da Academia estão organizados é também impossível termos em tempo algum uma verdadeira escola de paisagistas.

Em o nosso instituto de bellas artes faltam quasi todos os elementos, e desconhecem-se os processos mais apropriados a poder concorrer para a educação artistica do homem votado a reproduzir a natureza nas suas combinações e aspectos pintorescos.

Segundo os meios empregados, e sempre seguidos na aula de paisagem, o systema da tradição, ou paisagem historica, e o da imitação litteral da realidade, são os systemas unicos e exclusivamente adoptados.

E não queremos dizer se estes systemas são ou não adoptados na Academia porque os julguem os melhores, ou porque intendam que por meios tão oppostos ao desenvolvimento intellectual dos alumnos e ás suas mais elevadas concepções, que a variedade e riqueza das scenas naturaes só podem inspirar, se consiga chegar aos resultados que proclamam e consagram o verdadeiro talento do paisagista. Não entraremos agora nessa questão. Mas a verdade é que pelo genero dos meios de ensino e pelo acatamento absurdo ás tradições das velhas theorias, que allí predominam, o discipulo não conhece outros estudos nem pode chegar a outros resultados senão aos da copia servil. É o systema da paisagem historico e o da interpretação litteral que imperam absolutamente na Academia. E ainda que o discipulo pelos impulsos instinctivos do seu genio sinta a necessidade de procurar n'outros processos a natural desenvolvimento das suas tendencias artisticas e o caminho que unicamente o poderá levar aos verdadeiros destinos da arte, não o pôde fazer, só se for fóra da Academia, como já outros o teem praticado, apartando-se completamente, nas theorias e nas praticas, das regras de ensino allí predominantemente. O distincto substituto actual, desta mesma aula, é o melhor exemplo para que podemos apontar. O sr. Annuniação é hoje um artista que nos aproxima, de uma maneira honrosa para o seu merito e para o paiz, dos melhores paisagistas inglezes e francezes, porque se entregou com o fervor que anima as vocações fadadas a sobresaírem o commum das gentes pelos testemunhos do seu merecimento, ao impulso intuitivo de suas inspirações; e essas mandaram-no contemplar a natureza e fecundaram-lhe a imaginação com as suas surpresas e perspectivas. O sr. Annuniação viu com olhos de observador e interpretou com alma de poeta. D'aqui resultou o elle representar actualmente entre nós a verdadeira escola a seguir, a escola da natureza interpretada livremente.

Mas parecerá contradictorio qualificarmos assim as tendencias e caracter do talento do professor substituto da aula de paisagem e condemnarmos tão asperamente a aula nos seus resultados. Parece que entre o artista e o professor queremos fazer uma distincção, absurda ou malevola na apparencia, porque tal distincção, quando não seja explicada categoricamente, induziria a crer que o sr. Annuniação protrahia os seus deveres, como o homem a quem estão confiados alguns dos mais principaes ramos de ensino das bellas artes, pois sendo a sua habilidade incontestavel e pouco apreciaveis os fructos que os discipulos colhem na aula de paisagem, tirava-se d'aqui a conclusão necessaria, de que elle consagrava todas as forças do seu talento ás suas obras especiaes, em quanto que deixava correr á revelia os interesses da Academia, o que seria imputar um egoismo mais que desprezível a um mancebo que todos apreciam pelos seus dotes moraes e qualidades artisticas.

Todavia a contradicção não existe. O sr. Annuniação é sempre o mesmo, quer no recolhimento da concepção e execução dos seus quadros, quer dirigindo o tyrocínio de seus discipulos. Acompanha-o sempre o mesmo amor pela arte, e as revelações que a idealidade de seus vãos, ou as lucubrações de um estudo serio e aturado teem insinuado no seu espirito, e que não feito a principal riqueza da sua fantasia, aproveita-se elle tanto dellas como as reparte com dedicação por todos os alumnos que frequentam a aula que lhe está destinada.

Mas o que o sr. Annuniação não pôde fazer é vencer o impossível; e elle só a lutar contra a onda de contrariedades que se lhe oppõe e promette saltar por cima dos seus esforços, é tentar o impossível.

Em primeiro lugar o sr. Annuniação não é o professor proprietario, e ainda que hoje a regencia da aula lhe esteja confiada quasi absolutamente, ha contudo obstaculos de diferente genero que nem seus desejos, nem mesmo o proposito firme e esclarecido de uma vontade energica, conseguem vencer de todo.

Na aula de paisagem oppõe-se ao systema unico a seguir para formar completamente a educação do discipulo que se consagre a este ramo das artes de desenho, duas naturezas de objecções: uma, são os vicios arraigados de um systema condemnado por todos os dictames e boas regras da arte, quando ella seja interpretada na sua esphera mais elevada: a outra, a carencia absoluta dos recursos e elementos de ensino, proprios a encaminhar o talento, que se desenvolve apenas, pelas veredas das theo-

rias esclarecidas e a aproximal-o dos modelos instructivos.

Na aula de paisagem, na parte theorica, o que existe de pé, como a obstinação de uma idéa absurda, é a tradição dos preceitos anachronicos que illaqueiam os vãos da fantasia do artista e o constringem no servilismo da copia litteral: e na parte pratica, para base de todos os estudos, a mais vetusta, incorrecta e abortiva colleção de estampas e quadros de que ha noticia em todo o cadoz de estamperia obsoleta e monstruosa. Ha por allí monstros peiores que os de Horacio, e partos horrendos que incutem mais terror que todos os minotauros que possa crear a antiguidade nos arrojados fabricantes do seu imaginar audacioso. Podíamos apontar alguns, mas receiamos de apresentar o nosso primeiro instituto, consagrado a proclamar theorica e praticamente as regras do bello em cousas de arte, como o mais celebrado museu de antigualhas e ultrages á mesma arte.

E todavia, é sobre estas estampas, defeituosas e archivelhas, e sobre estes quadros, que não se recomendam nem como transsumptos fieis da natureza, nem pela idealidade da concepção, nem mesmo pelo seu merito na accepção mais restrictamente technica, que o sr. Annuniação tem de dirigir preceptivamente os alumnos da aula de paisagem! A isto juncte-se o ar que se respira n'aquella atmosphaera ainda impregnada de todos os dictames barbaros, das theorias gothicas, que os arrestos de uma tradição absurda ou os erros da ignorancia inventaram como estylo a seguir, e ter-se-ha formado uma idéa apenas fugitiva dos embaraços, repugnancia, resistencias, orgulhos e preconceitos que ha a combater e a vencer na Academia, para se conseguir da aula de paisagem alguma cousa de instructivo e fecundo para a mocidade e para o futuro da arte.

A paisagem é um estudo serio, e só elle por si absorve as locubrações do verdadeiro artista, quando o seu fim seja tocar essas limites da perfeição e do bello, onde só existem os triumphos perduraveis para o talento. Paulo Huet, Constable e Poussin deixaram ou estão ainda apresentando as provas d'isso. Em Portugal, como theorica, como complexo de dictames, como corpo de doutrina, ainda se desconhece o verdadeiro systema que unicamente pôde levar a vocação do mancebo a estes brilhantes resultados da reprodução da natureza pelo pincel ou pelo buril. Os artistas, que pelas forças do seu espirito tem podido voar mais alto que o rammerrão do ensino academico até agora seguido, acham-se entregues a si, aos caprichos da sua fantasia, ás predilecções, exageradas ou não, deste ou daquelle mestre, desta ou daquelle escola, deste ou daquelle estylo, sem que regras determinadas e definidas lhes enfrem os impetus imprudentes, nem modelos que os restrinjam, exemplificativamente, no circulo esclarecido dos preceitos da livre mas não desviada ou hyperbolica interpretação.

Desde as aulas de esculptura e gravura, creadas em 1750 e 1768, até á aula de desenho de figura e architectura civil, e desde a aula de desenho de figura e architectura civil até á Academia das Bellas-artes de Lisboa, os mancebos votados ao estudo da paisagem jámais encontraram methodos proprios a desenvolver-lhes a sua vocação, e ainda menos conheceram a natureza e as regras que os poderiam encaminhar aos processos mais acceptaveis para a sua reprodução.

Nunca, até hoje, se ensinon mais do que a copiar estampas ou algum quadro. Salvo quando se tracta de productos naturaes; mas ainda assim, no agrupamento desses objectos, na sua harmonia linear, nos contrastes do colorido, assumpto que envolve preceitos em que se pôde demonstrar as idéas que o pintor tenha do bello, ainda assim nisto se tem sempre revelado, mais ou menos o acanhamento da esphera artistica dos nossos pintores de genero e sobretudo as falsas theorias que possuem da arte em geral.

Ensina-se a copiar uma flor, uma ave, ou um arbutto, com mais ou menos aproximação da verdade do modelo, mas sem outras regras senão as do desenho, as do claro-escuro, as do empaste e preparo das tintas etc. Isto é, vê-se o artista representando pelo lapis e na palheta, o esquecimento da elevação ideal da arte na sua accepção mais ignara de materialismo e mechanismo da mesma arte.

Conceber assim a pintura, n'uma das suas mais apreciaveis manifestações, é desconhecer todos os seus fins.

O ensino da paisagem não se resume no estudo de alguns traços de lapis ou em meia duzia de rasgos do pincel; nem a arte, neste ponto, se reduz a juntar uma porção de linhas de que resulte a apparencia de arvores, de casas, de animaes, de rochas e serranias. O paisagista deve ir mais longe, porque o thema que toma para os seus trabalhos vae também muito mais longe na variedade infinita de seus aspectos.

O pintor que copia unicamente pôde comparar-se a uma mulher fazendo renda, que enleia e desenleia duzias de bilros, olhando para o lado e conversando distraida. Disto resulta um tecido mais ou menos denso. É um trabalho mechanicamente automatico, que as mãos exercem sem interferencia das faculdades intelligentes. Esta operação poderá ser um mister mas nunca uma arte.

Uma das primeiras necessidades para o discipulo é obrigar-o desde o começo a tomar por exemplar de todas as suas concepções a natureza. O estudo, a observação da natureza é a fonte de todas as inspirações para o paisa-

gista. Mai a sua mão dirija o lapis com certa dextresa, deve ser no meio dos campos, em frente das maravilhas da vegetação e dos mais variados episodios da criação animada, que as suas idéas voem e se multipliquem, porque só ahí a fantasia acha os verdadeiros germens de fecundação. A perspectiva de uma cascata que se desata em caixões, espadanando nuvens de agua em que os raios do sol se refrangem em mil prismaticas cores; uma cordilheira de montanhas que, como um pelotão de dormedarios gigantes, corta o horizonte a perder-se de vista; macissos de verdura, agitados em suaves ondulações pelos afagos da brisa, ou saccudidos impetuosamente pelos furores da tempestade que negreja nos visos da serraia e rugem no fundo dos vales; o movimento, o susurro, os jorros de luz, a densidade das trevas, os caprichos graciosos do crepusculo, os arbustos brotando e enflorecendo em todas as phases do anno; os riachos saltando por entre os seixos e a relva aveludada das orlas que os comprimem; as nuvens de passaros voando pelo espaço e que povoam os bosques de uma alegria serena e pura; todo este conjuncto de bellezas naturaes, todos estes estímulos para a alma artistica, elevam o espirito e engrandecem a imaginação do pintor, porque o tornam observador e imaginativo, philosopho e poeta.

Estas idéas e recordações acompanham-no depois ao seu atelier. Ainda não tem o quadro aparelhado ante os olhos, nem segura o pincel na mão, e já arde em desejos de reproduzir todas estas scenas, todas estas combinações esplendidas da criação que viu, e que produziram na sua mente outras mil combinações.

Destes trabalhos podem sair esboços informes, e impromptos incorrectos, que toquem apenas a realidade nos seus pontos mais longiquos. No entanto, debaixo destes bosquejos rapidos e imperfeitos, como são sempre os desafios da imaginação, lá ha de estar o germen da idealidade aquecido pelas bellezas e maravilhas da criação real que desponta, atravez de todos esses bosquejos, como emanações saídas da alma artista. As regras e os principios corrigirão as deformidades, harmonisarão as aberrações, e o quadro apparecerá feito, não um quadro frio, monotono, reflexo tibio e apathico de outra copia talvez também frouxa e sem ideal, mas um quadro animado ainda da inspiração fervente que da natureza foi direita ás faculdades imaginativas do pintor e d'ahi refulgiu sobre a tella, como um foco de luz que resplandece e se diffunde naturalmente.

Não é só o pintor de historia que se deve occupar do estudo das paixões, também o paisagista. A natureza, na infinita variedade de seus aspectos, guarda certas afinidades com os sentimentos que podem agitar o coração humano, e reproduz-os ás vezes com mais elegancia do que a propria palavra do homem, por que é com essa eloquencia solemne e magestosa que sorri de poesia á alma nas florestas americanas, e que gela o peito de um terror mysterioso no centro da aridez selvatica das regiões polares.

N'uma parte e outra, a natureza mostra uma grandiosa face da sua physionomia, mas que o artista só consegue comprehender quando a sua imaginação, soltando grandes vãos, possa ir tão alto quanto vai, nos seus dizeres sublimes, o livro eterno chamado criação universal.

A paisagem tem a sua parte moral e intellectual, como o retrato de um homem qualquer. Na paisagem, como nas feições humanas, ha além das linhas, da cor e das sombras, uma parte mais superior, que é a expressão. É necessario que a paisagem falle também, que exprima uma idéa, que seja o accordo de um pensamento, porque a natureza, ainda mesmo sob a apparencia confusa dos contrastes, ainda mesmo debaixo da exterioridade do desaccôrdo e desalinho episodico, apresenta sempre o effeito geral da unidade dessa idéa, respira sempre a intensão unica desse pensamento.

Não é indifferente o artista pintar, por exemplo, um grupo de cyprestes sobre uma campina ridente e esmaltada de flores, um cedro sobre as ribas de uma costa, ou um chôpo no cimo de uma montanha. Todas estas arvores obedecem a certas leis geraes da criação, e são como o ornato caracteristico, como a expressão local, de diversas scenas de vasto panorama da natureza.

Algumas vezes o paisagista, como o poeta (que o paisagista não é outra cousa senão o poeta lyrico escrevendo com o pincel), por não estudar a natureza, contraria a caracter dos diferentes pontos que toma por assumpto, e cabe em graves erros de impropriedade pelo que respeita ás leis da vegetação. É por isto que o paisagista também deve ter noções de botanica, quando mais não seja para o que os pintores chamam o *folhado*, afim de que não aconteça pintar as folhas de todas as arvores com o mesmo recorte de bordos, e não mostrar as diversas especies pela diversidade das nervuras, ou veias fibrosas.

Se o pintor de figura, que deve exprimir sobre um quadro as paixões dos homens, é obrigado a estudar os orgãos da estrutura humana com a ajuda da anatomia, o pintor de paisagem deve occupar-se também do conhecimento da geração das flores, das inclinações das plantas e dos amores pacificos dos animaes rusticos.

Não se julgue todavia que por expormos todas estas ponderações em favor da livre interpretação da natureza, lhe não conheçamos também os perigos. Tudo neste mundo tem um lado exagerado; e assim como a interpretação litteral dá de si a copia servil, também a natureza interpretada sem as regras do bello, pôde produzir as desor-

dens da imaginação. Seria loucura acreditar que a fantasia humana é mais rica do que a natureza. Mas de saltar as redeas a esse lyrismo, que só pôde levar á hyperbole e á confusão, á interpretação poetizada dos mais formosos aspectos, das mais variadas scenas e localidades, vae uma differença immensa.

É esta differença que resume o fim e as leis da paisagem.

Um quadro, como um poema, compõe-se necessariamente de duas partes: da realidade, concebida pela intelligencia e recolhida pela memoria, e da metamorphose ou modificação ideal imposta á realidade pela fantasia. Ver, comparar, engrandecer e transformar, é a lei invariavel de todas as obras da arte, e, por conseguinte, tambem da paisagem. No entanto esta lei tem limites, aliás a interpretação livre correria em delirantes excursões pelos dominios do absurdo e do impossivel; e o pintor que toma a natureza por thema constante de suas obras, não deve nunca tentar reproduzir o impossivel, mas sim o bello, o grandioso, isto é, a realidade elevada pelo ideal.

A propria natureza, que ás vezes nos parece desordenada e levada pelo conflicto dos elementos em furor a todas as exagerações dos grandes cataclismos, guarda sempre respeito a certas leis, mesmo no seio dessa desordem, debaixo dessa propria apparencia de perturbação universal. Na maior furia e impetuosidade da procella as vagas entumecem-se, encapellam-se e precipitam-se umas após outras; as nuvens, ainda mesmo varridas pelos impetuosos gellados do sul, correm todas para a mesma parte.

Estas é que são as ideas do sublime, ainda mesmo levado ás alturas imponentes do terrivel.

Finalmente, o dever do paisagista resume-se nestas poucas palavras: estudar ao mesmo tempo a tradição auctorisada pelos grandes mestres e a realidade, e interpretar uma pela outra. A tradição indica as regras e a realidade inspira os assumptos; e a fantasia do pintor, fundando-se com a presença de uma, corrige e refreia os devaneos de seus vãos com os preceitos da outra.

(Continúa.)

ANDRADE FERREIRA.

A IDADE MEDIA, E A IGREJA CATHOLICA.

I

Exposição dos motivos — A civilização romana, e acção da igreja. — A decadencia do imperio — A invasão dos barbaos.

Não é uma louca presumpção em minhas forças, que bem sei não serem bastantes; não é tambem um louco desejo de tornar-me celebre quem me deu coragem para tomar a penna e emprender a defeza dessa epocha, que com tanto empenho se procura ainda hoje desacreditar, e fazer aborrecivel, com fins que não são já hoje um misterio para ninguem um pouco lido, e dotado de um espirito observador.

Não presumo nada de mim; não espero convencer nenhum desses que não acham no longo decurso de mais de trinta gerações nada que mereça louvor, nem mesmo levá-los a adoçarem as suas criticas; bem pelo contrario tenho a certeza de que mais de um sorriso d'escarneo, mais d'uma exclamação de desprezo, mais de um improperio acolherá em certos circulos esta tentativa de preparação, este humilde protesto, que opponho como sei e como posso, contra a injusta sentença que condemna todo um periodo de mais de mil annos, antes de ouvir-o e de lhe instaurar processo em que possa defender-se, o que não se nega aos réus dos mais atrozes crimes. Protestando contra essa iniqua sentença, protesto igualmente contra a precipitação dos juizes que ha 300 e tantos annos a proferem, copiando se uns aos outros.

Não faltará quem diga ao ler o que precede: se sabes que o teu protesto somente excitará os chascos, o desprezo e a mofa dos inimigos desse tempo; se sabes que não conseguirás convencer os seus juizes, para que te atrevas a formulá-lo, para que tentas uma apologia infructifera? Para que affrontas a opinião publica que se pronunciou contra essa epocha? Não ha mais do que imprudencia, não é mesmo uma temeridade imperdoavel vires assim expor-te e offerecer-te ao martyrio destes tempos, martyrio moral, mas tão doloroso de soffrer como os equileos e os cavalletes de Domiciano, e mais modernamente de Eduardo 6.º, e de seu pai e irmã, Henrique 8.º e Isabel de Inglaterra?

A resposta é facil, e será peremptoria. Cumpro o meu dever, cumpro-o como o comprehendo. A obrigação do escriptor publico é dizer a verdade em tudo e a todos, nem se funda n'outro titulo a consideração que geralmente se não regatêa ao litterato. Mal vai áquelles que não cumprem o seu dever, ou abertamente o contrariam e atraçoam.

Desde que o meu obscuro nome foi elevado á honra de figurar entre o de tantas illustrações da nossa terra, como se se quizesse que a minha humildade fizesse contraste ao esplendor de sua sciencia; julguei do meu dever emprender esta obra de reparação a favor de uma epocha, sobre a qual a grande maioria dos leitores deste semanal, é mais que provavel que não tenha ideas verdadeiras e justas, porque apenas terá lido as palavras ardentemente em seu desabono e para sua reprovação tem

sido escriptas em diversas obras sem que uma palavra de apologia ou defesa tenha ferido suas vistas. E empreendi essa tarefa consultando mais o meu dever, que a minha pobreza de cabedal litterario.

Algum tempo hesitei entre esta empresa, e a de uma critica imparcial e respeitosa dos pontificados de S. Gregorio 7.º de Innocencio 3.º, e de S. Pio 5.º; e depois de algumas duvidas, resolvi-me por este trabalho porque me offerecia um quadro mais vasto, em que deviam naturalmente achar-se no seu proprio logar aquellas tres grandes fazes da Idade Media; e porque assim tornava-se-me muito mais facil a minha tarefa, e vinha a ser mais intelligivel para os leitores a prosecução della, quando chegasse a occasião de estudar cada um desses pontificados.

Dada esta explicação, que chamarei preliminar em que exponho os motivos que me fizeram emprender esta obra, que foram unicamente o interesse da verdade; não vou pedir indulgencia para os meus defeitos, peço justiça e não me affligirá se for severa, uma vez que seja recta; o que peço é attenção, não porque a mereça o escriptor, mas é devida ao que elle vai escrever: um testemunho da verdade em favor de nossos avós, cujos nomes tem-nos seus filhos e netos affixados no pelourinho, e cujos ossos tem sido arrastados pelos monturos ás mãos de gerações ingratas.

O christianismo dominava já em quasi toda a terra conhecida, e havia pouco mais de 300 annos que tinha nascido na Palestina. Quando elle appareceu no mundo, a civilização e a sciencia eram o lote da sociedade romana. Seu fundador não era um legislador á frente de innumerables cohortes, nem um sabio á testa d'uma grande multidão de discipulos que disputassem sobre a sua philosophia e a encaressem no portico de Athenas, ou nas escolas de Roma e d'Alexandria. Quando o nome de Jesus apenas era repetido por alguns pastores, e mais tarde por alguns pescadores, já o nome de Cezar fazia tremor o orbe inteiro. As suas leis estavam assentadas em bases ao parecer solidas, quando a lei de Christo ainda estava sendo combatida pelos judeos e os pretores romanos. Eram ainda objecto d'escandalo e de contradicção os costumes dos christãos, quando os de Roma, delicados e polidos até á corrupção, eram preconizados por toda a parte como a mais alta expressão de uma civilização genuina.

E essa civilização, estabelecida á sombra do paganismo, sustentada pelo culto dos falsos deuses, não só estava fóra do christianismo, como que até lhe era antipathica e decididamente hostil; e não podia mesmo deixar de o ser, porque elle condemnava suas praticas, refutava suas doutrinas, e combatia suas tendencias. (Não servirá tambem isto para explicar as hostilidades e as repugnancias da moderna civilização á Igreja Catholica?) Levada pelos odios que essa opposição lhe excitava, a civilização pagã prodigalisou ao Evangelho, aos costumes christãos e ao nome de Jesus, o desprezo, o ultrage, e a perseguição. Por espaço de tres seculos não lhes poupou nem as injurias nem os supplicios. Os sabios escarneceram-nos, os governantes castigaram-nos, a populaça maltratou-os, em 10 perseguições no espaço de 240 annos.

E como respondeu a Igreja a esse tratamento barbaresco e cru, com que os imperadores pagãos e seus agentes, achando ainda suave a legislação e brandas as suas penas, encareciam-nas a tal ponto que nos pareciam increveis os seus actos, e carecemos de ver os documentos desses martyrios, e d'encontrarmos os depoimentos solemnes que fornecem os cadaveres de muitas dessas victimas, que tem sido descubertos, para não duvidar-mos: como respondeu a Igreja, repetimos, a esse tratamento?

Não conspirou com os inimigos de Nero, e de Domiciano, contra elles; não se revoltou contra Trajano, Marco Aurelio, ou Severo. Não se alliou com as legiões que punham e depunham imperadores e Cesares a seu capricho, e que vendiam a purpura; nem com a populaça amotinada que fazia em eleições turbulentos senhores, que pouco depois desfazia em tumultos ensanguentados. A Igreja obedecia aos seus perseguidores Maximino, Decio, Valeriano, Aureliano, e Diocleciano e Maximiano, com a mesma fidelidade, com que obedecera a Tito e a Pio, sem inquirir qual d'elles era mais legitimo, e qual o era menos. E não era a facilidade, nem a força que lhe faltavam, era a vontade. Os christãos enchiam o foro, o exercito, o senado, e o proprio palacio dos Cesares e dos imperadores: em toda a parte viam-se os christãos, só não se viam nos templos dos idolos, nem nos prostybulos, nem nos circos: ahí deixavam o campo livre aos seus perseguidores, e iam para as catacumbas pedir esforço para os martyres, misericordia e perdão para os seus algozes.

Foi então que Deus suscitou Constantino; o qual ou fosse movido pela graça, como cremos, ou cedesse a uma necessidade politica, segundo pretendem outros, exaltou o nome de Jesus, auctorisou e venerou os costumes dos christãos, e adoptou o Evangelho; e dando a paz á igreja, sentou-a a seu lado no throno imperial, e honrou-se com o titulo e as funções de seu defensor e protector.

Mas nota-se que se a igreja não sagrou Constantino, tambem não depoz aos seus pés a divina auctoridade que recebera de Deus. Foi-lhe fiel como aos seus antecessores, era grata aos beneficios que d'elle estava recebendo; mas não lhe sacrificou nada nem da sua fé, nem dos seus costumes. Se examinarmos a igreja nesta nova faz que se lhe manifesta; vemol-a que ergue do meio das catacumbas o signal augusto da Redempção, a Chave da verda-

deira civilização do genero humano, e que o expõe á adoração de toda a terra, admirada por ver sobre o cimo dos templos e sobre a coroa dos Cesares, como o mais bello e mais honroso ornamento, o que apenas acabava de ser o objecto de mais desprezo, o symbolo da maior ignominia: vemol-a que alliando com a maior prudencia, o respeito que devia á magestade do poder civil, que residia no imperador, com o que devia á sanctidade do poder divino que nella residia, soube ser submissa sem sombra de fraqueza ou de vergonhosa condescendencia, e soberana sem soberba, nem arrogancia.

Não se pense que no dia seguinte ao do seu triumpho a igreja travou combate com a sociedade romana; se assim procedesse, se tivesse destruido com o camartello seus templos e seus monumentos idolatras, se tivesse quebrado seus idolos, incendiado suas bibliothecas, desacreditado e abolido suas leis, não teria feito mais do que tem feito os chamados apostolos da civilização moderna, que desculpam seus actos vandalicos, allegando um supposto e feroz direito de represalias, e um muito mais feroz ainda, o sustentarem as conquistas da civilização com o sangue. Os motivos não lhe faltavam; mostram-no tres seculos de perseguição, attestam-no perto de 11 milhões de martyres. Os meios tambem não: provam-no os que attribuem á politica a resolução de Constantino. E quando as populações convertidas recusassem prestar o auxilio, bastava que a igreja se mostrasse neutral na lucta: para que havia ella de combater a anarchia interior que despedaçava as entranhas da sociedade romana? para que havia de oppôr a energia e os peitos de seus bispos ao feroz dos seus perseguidores? para que havia de oppor a seus excessos, e a sua crueldade a mansidão do exemplo e a pureza da doutrina do Crucificado?

Esta mãe terna e prudente do genero humano achou nesta sociedade elementos que cumpria conservar e melhorar; e nesta civilização, que uma palavra sua, que o seu simples silencio podia perder sem remedio, alguma coisa que, depois de purificada dos defeitos que são obra do homem, podia servir para seu bem, porque nem tudo é máu que sae das mãos dos homens. Foi isso o que a igreja fez.

(Continúa.)

SOUZA MONTEIRO.

Com toda a satisfação publicamos o programma para a festa de caridade, que deve ter logar no passeio publico em beneficio das casas de asylo da infancia desvalida.

Consideramos inuteis quaesquer considerações sobre este objecto; o fim todo de caridade a que esta festa se destina é a sua verdadeira recommendação.

FESTA NO PASSEIO PUBLICO

EM FAVOR DAS CASAS D'ASYLO DA INFANCIA DESVALIDA DE LISBOA

NA NOITE DE 12, E NOS DIAS E NOITES DE 13 14 E 15 DE JUNHO DE 1856.

DE DIA

DAS 10 DA MANHÃ ATÉ Á HORA DE SE FECHAR O PASSEIO.

Entrada é franca. Alem dos embelesamentos do Passeio, e musica de bandas militares, haverá

RIFA

Dos objectos expostos nos Bazaars. Cada bilhete custa 60 rs. A quem comprar d'uma vez 50 bilhetes da rifa, dar-se-ha gratuitamente um bilhete da loteria, cujos premios são o Polyorama e o Orgão, que hão de estar no Passeio. Os premios da rifa são entregues de prompto, os da loteria dependem da sua extracção, que terá lugar no ultimo dia da Festa. Os bilhetes premiados e as relações d'elles, foram carimbados e authenticados pela autoridade publica.

POLYORAMA

Tem duas vistas de 5 effeitos de luz cada uma. No 1.º e 3.º dia estará exposta a vista d'uma Cathedral; e no 2.º e 4.º a da Festa das Lanternas em Cantão. Este Polyorama custou em Paris 120:000 rs. Preço do bilhete d'entrada 40 rs.

ORGÃO

Com 24 peças de musica. Tem uma sala completamente ornada, e nella uma orchestra de 8 automatos. Custou em Paris 150:000 rs. Preço do bilhete d'entrada 40 rs.

TELEGRAPHO ELECTRICO

Vê-se ali como funcionam. Quem quizer pôde fazer transmittir uma fraze. Preço do bilhete d'entrada 40 rs; e os que transmittirem frazes pagarão 50 rs. pelas primeiras 10 palavras, e 10 rs. por cada 5 additionaes. As frazes de menos de 10 palavras pagam-se como sendo de 10, e o additional de menos de 5 palavras paga-se como sendo de 5.

DE NOITE

Começa pouco depois da hora de se fechar o Passeio, e finalisa á meia noite. — Preço d'entrada 200 rs. — A rua central do Passeio estará illuminada com 400 luzes de gaz; o resto d'elle com luzes de gaz, fachos e lanternas. Alem dos entretenimentos que ha de dia, haverá

FOGO DE VISTA

Do pyrothecnico mr. Tournour, que se compromete a apprezentar novidades neste genero, e a repetir a chuva de ouro, as arvores illuminadas e outros effeitos applaudidos no seu fogo do Campo Grande. — Gratis.

LUZ ELECTRICA

De uma força ainda não vista em Portugal. — Gratis.

REPUCHO ILLUMINADO

Objecto novo entre nós. A agua assume a apparencia de luz, e appresenta-se successivamente com differentes côres. — Gratis.

DESAFIO MUSICAL

Differentes bandas militares desempenharão a famosa marcha de Mayerbeer « Aux Flambeaux, concorrendo aos premios de 96:000 rs., 57:600 rs. e 38:400 rs. — Gratis.

SALA DO BAILE

Para contradanças, polkas, etc., para o que haverá uma orchestra de 43 professores. — Gratis.

AVESINHAS INTELLIGENTES DE MADEMOISELLE VANDERMEERSCH

Estas avesinhas somam e diminuem, dizem a data do anno, o mez, o dia do mez, as horas e os minutos, vão buscar a carta que se pede, advinham, soletram, e fazem outros exercicios curiosos. Em cada uma das sessões faz-se um certo numero destes exercicios. — Preço do bilhete d'entrada 100 rs.

PROGRAMA DOS ENTRETENIMENTOS ESPECIAES DE CADA NOITE:

Em 12 de junho. — Luz electrica, repucho illuminado, e fogo de vista.

Em 13 de junho. — Luz electrica, repucho illuminado, desafio musico, baile e avesinhas.

Em 14 de junho. — Luz electrica, repucho illuminado, e fogo de vista.

Em 15 de junho. — Luz electrica, repucho illuminado, fogo de vista, baile e avesinhas.

Os bilhetes para a entrada de noute no Passeio estarão á venda: de dia dentro do Passeio Publico, n'uma barraca que o indicará; e á noute no largo do mesmo Passeio n.º 56. Achar-se-hão tambem á venda, ás horas competentes, na estação dos omnibus, largo do Pelourinho, e no centro commercial, ao Loreto.

Os demais bilhetes só se vendem dentro do Passeio na dita barraca.

A entrada no Passeio é pelo sul (porta principal) as senhoras e quem as acompanhar pela porta central da meia laranja, os homens pelas lateraes. A saída do Passeio é pelo lado opposto (norte).

Segundo as ordens da authority competente, os trens e cavallos, em quanto durar a festa, não podem estacionar nem nos largos fronteiros ás portas do Passeio, nem nas ruas oriental e occidental. Os que vierem pelo lado do Rocio tomarão pelas ruas lateraes do Passeio; os que vierem em sentido opposto seguirão pela rua da Anunciada e largo de S. Domingos.

Trez toques de sineta serão o signal da saída; e com a mesma sineta se prevenirá o publico do começo dos entretenimentos geraes da noute.

Pede-se ao illustrado publico em nome dos interesses da Infancia Desvalida, e da boa ordem:

1.º Que evite qualquer damno nas plantas e mais objectos do Passeio, para que se não contrariem as benéficas disposições da ex.ª camara municipal em favor dos estabelecimentos pios; e que coopere para que se mantenha a ordem, dando força moral, e auxilio mesmo sendo necessario, aos encarregados d'esse serviço;

2.º Que não demore o acto de se fechar o Passeio ao anoutece, para dar tempo a que se accendam as luzes.

3.º Que, a bem da regularidade, mesmo aquelles que estiverem munidos de bilhetes d'entrada para de noute, se prestem a sair, ao anoutece, do Passeio, onde só podem ficar os operarios, e a força encarregada da policia local;

4.º Que tenha a bondade de sair da barraca, onde estão as avesinhas, logo que tenha acabado a sessão, para poderem entrar os que vem assistir á seguinte.

5.º Que os homens não entrem na barraca onde as

senhoras e alguns cavalheiros para isso designados, vendem os bilhetes da Rifa; e nem se obstrua a testada d'essas barracas, por forma que se impeça o livre accesso dos que vem comprar bilhetes.

Na sessão mais recente da sociedade archeologica da provincia de Constantina (Argelia) M. Cherbonneau, professor d'arabe e secretario da associação, leu os epitaphios, encontrados nos monumentos de macrobios que offerecem curiosos exemplos de longevidade na Numidia durante o dominio romano. Quatro destas inscrições tinham sido descobertas na primeira semana de março ultimo nas cercanias de Constantina; os nomes estão bem conservados, e indicam um Cassio Veterano que viveu 120 annos, Julio Pacato, de 120 annos, Julia Geluta de 125, e outro Julio de cognome indecifrável que andou por este mundo nada menos de 131 annos.

M.

Era accusado um ladrão no tribunal por ter roubado no botequim uma colherinha de prata. — «Senhor (disse o reu para o juiz) sempre ouvi dizer que é reparavel entrar n'um caffè e não tomar cousa alguma, eu que não tinha que tomar, tomei a colherinha.

M.

CHRONICA SEMANAL

Ha coincidencias extravagantes e que o vulgo interpreta segundo a impressão que lhe causam. A da queda do ministerio no dia em que se encerrava o theatro lyrico no meio d'uma algazarra, d'uma zozeria e d'um motim extraordinario, despertou mais d'um dito espirituoso e facilitou differentes commentarios.

Não citamos os primeiros, nem revelamos os segundos, apesar da muita vontade que tinhamos, attendendo a missão somente litteraria, que exerce este jornal.

Foi um acontecimento inesperado. Havia uma questão financeira palpitante que preocupava todos os espiritos. Durante quinze dias consecutivos, não se pensou, não se fallou, não se discutio, não se debateu outro assumpto. Na rua e no botequim, na loja e no primeiro andar, no theatro e na praça todas as conversações versavam sobre o emprestimo.

A opposição tem uma maioria de onze votos, gritavam uns — o governo prepara uma *forçada*, diziam outros — restam ainda quinze pares miguelistas que podem prececer essa invasão na camara, exclamavam os mais exaltados, e teremos assim um espectáculo unico e novo.

E a *forçada* ensaiava-se realmente, tentou-se mesmo, mas o chefe do poder moderador deu um passo que o honra, negando-se a rubrica-a. Duplicou por esta forma as sympathias que já tinha, e revelou na primeira occasião melindrosa que se lhe apresentou no seu reinado, uma força de caracter digna da posição elevada que occupa.

Uma vez o ministerio demittido, uma vez a noticia espalhada, suscitaram-se então scenas que são perfeitamente do dominio do Chronista.

Os deputados da maioria andavam cabisbaixos e alguns, os que n'um momento de expansão intima — peccado imperdoavel em politica — tinham chegado a fazer censuras ao governo, buscavam esse argumento, para mostrarem a hesitação em que já viviam, e as tendencias opposicionistas que já professavam, buscando assim facilitar a transação projectada.

A opposição passeava arrogante, fallava alto, disputava-se a victoria e toda se julgava habilitada e proxima a governar.

Estamos certos que destes politicos passados, presentes e futuros, que já se tem achado á frente da administração, e dos que se enfeitam para lá chegar, tres partes ou se metteram em casa á espera do correio, que os fosse lá chamar, ou deixaram dito para onde iam.

E apesar de tudo isto ainda não temos ministerio. Verdade seja que ainda lhe não sentimos a falta. Até agora a capital conserva-se tranquilla e sosegada, não se observa a menor alteração nos seus habitantes.

As lojas estão abertas e os freguezes invadem-n'as da mesma forma, as carruagens circulam pelas ruas, os peões cruzam-se silenciosos — quando se não conhecem —; nos botequins tomam-se caffès e sorvetes, nos theatros choram e riem, no passeio conversa-se, na alfandega importa-se e exporta-se, e nas casas — lá não entramos nós, visto a casa do cidadão ser inviolavel — mas se espreitassemos pela janella não veríamos mudança significativa para a situação... politica.

Houve já um fogo, apagou-se; commetteu-se um roubo, prendeu-se o ladrão; agradou uma peça, levou palmas; desagradou outra, apanhou pateada, finalmente reina a melhor ordem que se póde desejar.

Está provado que a verba dos seis ministros podia ser elliminada.

Mas passemos aos theatros: quanto ao novo ministerio, o que fôr soará.

Por despedida cantou-se no theatro lyrico o *Trovador*, e dançaram-se os *Saltimbancos*. As ovações ferveram nesta noite e chegaram a todos. Melpómene e Therpsichore triunfaram igualmente.

No theatro normal teve lugar o beneficio da actriz, Emilia das Neves e Sousa. Representou-se primeiro um drama *Eugenia ou o Irmão e a Irmã*, e depois uma comedia intitulada *O Sargento Frederico*.

Eugenia, é uma drama intimo, ainda que matizado de situações vehementes e de peripecias calculadas, mas que promóve interesse e falla por vezes ao coração. Quasi que se lhe perdoam as extensões que se notam n'alguns dialogos, pelo delicado sentimento que respiram certas scenas. O enredo, apesar de não apresentar novidade, está conduzido com habilidade.

As palmas com que o publico victoriou o desempenho fazem o seu elogio.

Quanto ao *Sargento Frederico* confessamos francamente que não gostamos da comedia. Escripção expressamente para fazer brilhar uma mulher notavel naquella especialidade de papeis, resente-se a cada passo da intenção que a este respeito teve o auctor. Sacrificou todos os mais personagens a fazer brilhar aquelle, não havendo em consequencia disto um unico caracter completo, nem um typo sequer bem esboçado.

Não existe uma intriga, um enredo seguido naquelles cinco actos, que prenda a attenção do espectador. Tão depressa toca o melodrama como assume as proporções da comedia, de que resulta não ficar uma coisa nem outra. A frieza com que o publico a recebeu firma-nos no juizo que formámos da comedia, logo que a lemos.

ERNESTO BIESTER.

BIBLIOGRAPHIA.

OBRA PUBLICADA PELO EDITOR DA ILLUSTRÇÃO LUSO-BRAZILEIRA. — RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1\$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1\$570 rs.; semestre 830 rs.

Publicou-se o 23.º n.º do 13.º vol., 5.º da presente serie.

UM QUADRO DA VIDA, drama em 5 actos, por Ernesto Biester. 1 vol. 8.º fr. br. 480

VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, por L. A. Rebello da Silva. 2 vol. em 8.º fr. br. 960

Esta excellente obra, saudada com unanime elogio pela imprensa periodica, constitue a primeira parte dos *Fastos da Igreja* do mesmo auctor.

RUDIMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas por F. A. Marques Pereira. 1 vol. 8.º fr. 200

ADDIÇÕES AO MANUAL DO TABELLIÃO, por F. V. da S. Barradas. 1 vol. 8.º fr. 200

POESIAS de L. A. Palmeirim. 2.ª edição augmentada. 1 vol. 8.º fr. br. 600

OS HOMENS DE MARMORE, drama em 5 actos por J. da Silva Mendes Leal Junior. 1 vol. 8.º fr. 480

O HOMEM DE OURO, drama em 3 actos (continuação do antecedente) pelo dito 1 vol. 8.º fr. 300

A CRUZ, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos 1 vol. 8.º fr. 320

MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA, por A. P. Lopes de Mendonça. 1. vol. 8.º fr. br. 720

MEDICINA LEGAL, por Sedillot; traducção do Dr. Lima Leitão. 2.ª edição. 2 vol. 8.º fr. 1\$200

A REDEMÇÃO, comedia drama em 3 actos, por Ernesto Biester, com uma introdução pelo sr. Mendes Leal Junior. 1 vol. oit. fr. rs. 360

NATUREZA DAS COUSAS, poema de T. Lucrecio Caro, trad. do Dr. Lima Leitão. 2 vol. 8.º brox. 800

POESIAS de M. M. Barbosa de Bocage, edição completa em 6 volumes de 8.º fr. 4\$320

A HERANÇA DO CHANCELLER, comedia em 3 actos, e em verso, por J. S. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º francez br. 400

OTHELLO, OU O MOURO DE VENEZA, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva, um vol. rs. 300

A MOCIDADE DE D. JOÃO V., comedia drama em 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. 480

DALILA, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º fr. 400

AS DUAS EPOCHAS DA VIDA, comedia em dous actos por Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. br. 240

No Prêlo:

POESIAS de J. S. Mendes Leal, 1 vol. 8.º fr.

AVISO.

Roga-se aos srs. Assignantes tanto das Provincias como da Capital que não tem satisfeito as suas assignaturas, o obsequio de o fazerem com a possivel brevidade; os das Provincias pelo seguro do correio, e aquelles da Capital dirigindo-se á loja do Edictor, rua do Ouro n.º 227.

O Edictor espera que os srs. Assignantes reconhecendo a justiça d'este seu pedido serão, como cavalheiros, promptos em o satisfazer.